

FLC0112 – Introdução aos Estudos Clássicos 1
Aula 20^{ter}

Estrutura e especificidades da *Iliada* e da *Odisseia*

“O que torna a *Iliada* e a *Odisseia* grandes epopeias, ou seja, grandes epopeias esteticamente exigentes, não é a conformação (*Gestaltung*) de uma ação em grande escala apresentada como um todo coerente com a ajuda de uma sequência aditiva dispositivos narrativos, os quais superam a sequência aditiva, dispositivos tais como como ‘mudanças de cena apropriadas’, ‘enredos simultâneos’, ou ‘preparação’, mas [o que as torna grandes epopeias é] um determinado direcionamento e uma determinada organização da matéria (*eine bestimmte Zurichtung und Organisation des Stoffes*).”

(E.-R. SCHWINGE. *Homerische Epen und Erzählforschung*. In: J. Latacz (ed.). *Zweihundert Jahre Homer-Forschung: Rückblick und Ausblick*. Stuttgart/Leipzig: Teubner, 1991, p. 482-512, aqui p. 509.)

1. Sobre a noção de estrutura

“disposição das partes que formam um todo”

(LALANDE, *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, 11.ed.)

τούς τε λόγους καὶ τοὺς πεπονημένους δεῖ καὶ αὐτὸν ποιοῦντα ἐπιτίθεσθαι καθόλου, [1455β] εἴθ' οὕτως ἐπεισοδιοῦν καὶ παρατείνειν. λέγω δὲ οὕτως ἂν θεωρεῖσθαι τὸ καθόλου, οἷον τῆς Ἰφιγενείας.

τυθείσης τινὸς κόρης καὶ ἀφανισθείσης ἀδήλως τοῖς θύσασιν, ἰδρυνθείσης δὲ εἰς ἄλλην [5] χώραν, ἐν ἧ νόμος ἦν τοὺς ξένους θύειν τῇ θεῷ, ταύτην ἔσχε τὴν ἱερωσύνην. χρόνῳ δὲ ὕστερον τῷ ἀδελφῷ συνέβη ἐλθεῖν τῆς ἱερείας (τὸ δὲ ὅτι ἀνεῖλεν ὁ θεὸς [διὰ τινὰ αἰτίαν ἔξω τοῦ καθόλου] ἐλθεῖν ἐκεῖ καὶ ἐφ' ὅτι δὲ ἔξω τοῦ μύθου). ἐλθὼν δὲ καὶ ληφθεὶς, θύεσθαι μέλλων, ἀνεγνώρισεν <τὴν ἀδελφήν>, [εἴθ' ὡς [10] Εὐριπίδης εἴθ' ὡς Πολύιδος ἐποίησεν, κατὰ τὸ εἰνὸς εἰπὼν ὅτι οὐκ ἄρα μόνον τὴν ἀδελφήν ἀλλὰ καὶ αὐτὸν ἔδει τυθῆναι], καὶ ἐντεῦθεν ἡ σωτηρία. μετὰ ταῦτα δὲ ἤδη ὑποθέντα τὰ ὀνόματα ἐπεισοδιοῦν. ὅπως δὲ ἔσται οἰκειὰ τὰ ἐπεισόδια, οἷον [ἐν] τῷ Ὀρέστη ἡ μανία δι' ἧς ἐλήφθη καὶ ἡ [15] σωτηρία διὰ τῆς καθάρσεως.

(Ar.Poet.17.1455a-1455b, texto segundo Else)

Quanto aos argumentos, quer já os tome compostos (pela tradição) ou estejam sendo por ele compostos (por primeiro), devem ser dispostos em sua generalidade [1455b] e depois desenvolvidos em ἐπεισόδια e alongados. Eis então, penso eu, de que modo se deve contemplar a generalidade (do argumento), tal como no caso da *Ifigênia*:

Certa donzela é oferecida em sacrifício, mas desaparece tornando-se invisível aos olhos de seus algozes; em seguida, é transportada a outro país, onde vigora a lei de imolar à deusa os estrangeiros [5], mas aí ela se torna a sacerdotisa desse rito. Mais tarde, ocorre a chegada do irmão da então sacerdotisa. A ordem de vir a esse local, que o deus lhe imputou [por uma causa exterior ao plano geral], e o motivo de sua vinda são exteriores à trama. Tendo chegado, foi logo aprisionado e, no momento em que ia ser sacrificado, reconheceu <a irmã> [– quer seja à maneira de Eurípides ou à de [10] Polídeo, quando disse, segundo a verossimilhança, que não apenas sua irmã, mas ele também devia ser sacrificado –] e, em consequência, foi salvo. Depois disso, (apenas) agora tendo atribuído os nomes (às personagens), desenvolvem-se os ἐπεισόδια. Cuida para que os ἐπεισόδια sejam próprios (ao argumento), tal como, para Orestes, a loucura pela qual foi capturado e sua salvação pela purificação.

(trad. Paulo Pinheiro, bastante modificada)

A estrutura da *Ifigênia entre os tauros*, de Eurípides

1-122	PRÓLOGO	
1-66	Monólogo de Ifigênia	Ifigênia se apresenta (sacrificada em Áulide, tomou-se sacerdotisa de Ártemis entre os tauros) e relata a visão noturna que teve, da qual deduz a morte do irmão.
67-122	Diálogo entre Orestes e Pílates	Orestes chega em segredo, acompanhado de Pílates; buscam um estratagemas para penetrar no templo e roubar a estátua, seguindo a ordem de Apolo.
123-235	PÁRODO: versos astróficos em metros líricos divididos entre Ifigênia e o coro	Julgado Orestes morto, Ifigênia se apressa a lhe prestar honras funerárias e se lamenta com o coro de gregas.
236-391	PRIMEIRO EPISÓDIO	
236-259	Diálogo entre Ifigênia e pastor	Pastor anuncia a Ifigênia a chegada de 2 estrangeiros.
260-339	Discurso narrativo do pastor	Relato de como se deu a captura no litoral, graças à loucura de um deles.
340-342	Comentário pelo coro	Questiona-se sobre a identidade do estrangeiro.
342-391	Discurso de Ifigênia, quase todo monólogo após dispensa do pastor	Ifigênia anuncia que não terá nenhuma piedade.
392-455	PRIMEIRO ESTÁSIMO	As seguidoras de Ifigênia se surpreendem com a chegada dos estrangeiros.
456-1088	SEGUNDO EPISÓDIO	
456-465	Comentário do coro sobre a entrada de prisioneiros	Pede-se silêncio, sinaliza-se a entrada e anuncia-se o sacrifício.
466-642	Diálogo entre Ifigênia e Orestes	Ifigênia questiona os prisioneiros sobre os aqueus e, descobrindo que são de Argos e que Orestes está vivo, quer lhes entregar uma carta pedindo seu resgate.
643-656	Diálogo lírico (<i>kommós</i>) entre coro, Orestes e Pílates	O coro lamenta o que vai morrer e felicita o que regressará à pátria.
656-724	Diálogo entre Orestes e Pílates	Orestes faz Pílates prometer que não vai buscar a morte, mas cuidar de Electra e de Argos.

725-826	Diálogo entre Ifigênia, Orestes e Pílates (após 798, apenas Ifigênia e Orestes)	Pela leitura da carta, Orestes e Ifigênia se reconhecem como irmãos.
827-899	Diálogo lírico (<i>amoibaion</i>) entre Ifigênia e Orestes	Regozizam-se pelo encontro.
900-938	Diálogo entre Ifigênia e Orestes (com alguns versos de Pílates)	Orestes apresenta Pílates e apresenta a situação atual de Argos.
939-986	Discurso narrativo de Orestes	Orestes conta o assassinio em Argos, o julgamento em Atenas e o oráculo em Delfos.
987-1055	Diálogo entre Ifigênia e Orestes	Elaboram o plano para fugirem daquela terra.
1056-1088	Diálogo entre Ifigênia e coro	Ifigênia pede e obtém a colaboração das mulheres gregas.
1089-1152	SEGUNDO ESTÁSIMO	As mulheres gregas se lamentam por não poderem também partir.
1153-1233	TERCEIRO EPISÓDIO: diálogo entre Ifigênia e Toas	Ifigênia, levando a estátua para fora do templo, explica ao rei Toas a necessidade de purificá-la no mar,
1234-1283	TERCEIRO ESTÁSIMO	O coro canta a tomada do oráculo delfico por Apolo e a rivalidade da Terra, que enviou sonhos premonitórios.
1284-1500	ÊXODO	
1284-1326	Diálogo entre mensageiro, coro e Toas	Mensageiro busca por Toas.
1327-1419	Discurso narrativo do mensageiro	Mensageiro conta que Ifigênia está fugindo com os estrangeiros.
1420-1434	Breves discursos do coro e de Toas	Preparativos para a captura.
1435-1474	Discurso de Atena	Atena manda que Toas desista da captura e instrui Ifigênia (<i>in absentia</i>) sobre o que deve ser feito.
1475-1489	Diálogo entre Toas e Atena	Resignação de Toas e aprovação de Atena
1490-1500	Versos conclusivos do coro	Felicitação do bom êxito e louvor a Atena.

: elementos diretamente dependentes do λόγος

λόγος

“λόγοι aqui não são, certamente, discursos..., mas, como em 1455 b 17, ‘fórmulas estruturais do μύθος’, a *ratio* do enredo (*die raut der Fabel*).”

ἐπεισοδιοῦν

“devemos entender por ἐπεισοδιοῦν a conformação individual da matéria escolhida de acordo com o plano geral proposto”

ἐπεισόδια e ἐπεισοδιώδης

“Tanto quanto eu consigo ver, o caráter ‘episódico’ dos ἐπεισόδια se encontram, em Aristóteles, apenas em relação com o adjetivo ἐπεισοδιώδης, assim, como, por sua vez, o adjetivo apenas se emprega para o ‘episódico’ que atrapalha, e nunca para os resultados de um correto ἐπεισοδιοῦν.”

(K. NICKAU. Epeisodion und Episode: zu einem Begriff der aristotelischen Poetik. *Museum Helveticum*, n. 23 (3), 1966, p. 155-171, aqui p. 160, n. 23, p. 161 e p. 165.)

“Resumamos: de acordo com a literalidade e o sentido do capítulo [17 da *Poética*], tudo o que, na composição e na execução da trama, vai além da fórmula estrutural mais geral é um ὑποθέντα τὰ ὀνόματα ἐπεισοδιοῦν. Tanto a poesia dramática (1455 b 1 ἐπεισοδιοῦν καὶ παρατείνειν) como a épica (1455 b 16 ἢ δ'ἐποποιῖα τούτοις μηδύνεται) adquirem sua dimensão na segunda fase de trabalho (*bem zweiten Arbeitsgang*), mas não por meio de acréscimos insubstanciais (*nicht durch unwesentliche Einlagen*). Isso posto, não se deve mais excluir a constatação de que ἐπεισοδιοῦν denota a execução de todas as particularidades (*Einzelheiten*) da ação.”

(K. NICKAU. Epeisodion und Episode: zu einem Begriff der aristotelischen Poetik. *Museum Helveticum*, n. 23 (3), 1966, p. 155-171, aqui p. 163.)

“Assim como o individual permanece uma massa amorfa sem uma organização por meio de princípios gerais, também o geral, sem sua efetivação por meio do individual, existe sobretudo como abstração. Não é na medida em que se adicionam cenas insubstanciais a uma fórmula estrutural que se cria o μῦθος da poesia; um λόγος no sentido do capítulo 17 nunca produziria a ἡδονή característica da tragédia, mas, a partir desse καθόλου, é preciso antes de tudo que se produza um καθ' ἕκαστον, e isso corre, se seguirmos o capítulo 17, por meio do ὑποθέντα τὰ ὀνόματα ἐπεισοδιοῦν. A tragédia é μίμησις πράξεος, e uma πράξις não nunca é no geral, mas sempre no individual. Pode-se – e o poeta deve –, no entanto, *contemplá-la καθόλου.*”

(K. NICKAU. Epeisodion und Episode: zu einem Begriff der aristotelischen Poetik. *Museum Helveticum*, n. 23 (3), 1966, p. 155-171, aqui p. 163.)

“Entre as afirmações decisivas que Aristóteles faz a respeito da epopeia em sua *Poética*, está a que diz com o ἐπεισόδιον. De acordo com Aristóteles, a epopeia, assim como a tragédia, consiste em ἐπεισόδια. Aqui como ali, nos e com os ἐπεισόδια, o poeta transfere para a forma individual concreta a fórmula estrutural (λόγος, 17.1455a 34,1455b 17) de sua poesia, que o poeta expôs primeiramente em termos gerais, ou seja, a fórmula estrutural do tema mítico a ser tratado, do enredo a ser moldado; nos ἐπεισόδια, o καθόλου da fórmula estrutural se materializa como o καθ’ἕκαστον do poema em questão – efetivamente torna-se realidade por primeiro. Isso significa que o poeta desdobra (παρρατίνειν, 17.1455b 2) e subdivide (διαλαμβάνει, 23.1459a 37) a fórmula estrutural nos e com os ἐπεισόδια, ou seja, elabora-a em seus detalhes, o que então também dá à respectiva poesia a expansão a ela apropriada (1455b 2 e 16).”

(E.-R. SCHWINGE. Homerische Epen und Erzählforschung. In: J. Latacz (ed.). *Zweihundert Jahre Homer-Forschung: Rückblick und Ausblick*. Stuttgart/Leipzig: Teubner, 1991, p. 482-512, aqui p. 482-483.)

“[Trata-se de] dispor o argumento como universal, de modo a torná-lo universal. Há, assim, a ideia, da elaboração de um modelo, desprendido de seus tratamentos anteriores (no exemplo proposto, o reconhecimento faz parte do *logos*, mas não a forma particular de que ele se reveste, seja em Eurípides, seja em Políido), desprendido também daquilo que é ‘externo ao enredo’ (e, como tal, ‘externo ao universal’). Esse modelo se dá a ‘ver’ (b 2), assim como o enredo, uma vez construído (a 24), mas ele permanece universal, tanto porque ele foi obtido por um procedimento de *ecthesis* como porque ele reclama, na sequência, ser individualizado, pelo emprego dos nomes próprios e dos ἐπεισόδια.”

(V. GOLDSCHMIDT. *Temps physique et temps tragique chez Aristote*. Paris: Vrin, 1982, p. 305)

ἐν δὲ τοῖς ἐπιδεικτικοῖς δεῖ τὸν λόγον
ἐπεισοδιοῦν ἐπαίνοις, οἷον Ἴσοκράτης
ποιεῖ: ἀεὶ γάρ τινα εἰσάγει.

(*Ar.Rhet.*3.17.11.1418a33)

nos epidíuticos, o discurso deve ser desenvolvido por meio de elogios, como o faz Isócrates: pois ele sempre introduz algo.

AMMON. SCHOL. HOMER. [Grenfell –
Hunt Oxyrh. Pap. II p. 68] col. XII 20; Ad
Φ 240 Π.

Πρωταγορας φησὶν πρὸς τὸ διαλαβεῖν τὴν μάχην τὸ ἐπεισόδιον γεγονέναι τὸ ἐξῆς τῆς Ξάνθου καὶ θνητοῦ μάχης ἵν' εἰς τὴν θεομαχίαν μεταβῆι, τάχα δὲ ἵνα καὶ τὸν Ἄχιλλέα αὐξήσῃ [...]

Protágoras afirma que o seguinte ἐπεισόδιον, a batalha entre [o rio-deus] Xanto e um mortal [Il.21.200-97], serve para articular a batalha [que se estende entre os livros 20 e 21], para realizar uma transição para a batalha dos deuses, e talvez também para acrescentar a importância de Aquiles...

N.B.: é a única ocorrência de ἐπεισόδιον antes de Aristóteles.

“Qual é o critério com base no qual se pode estabelecer que algumas das partes que compõem os textos tratados como exemplos são universais e outros são episódicos? Para além de incongruências..., o *katholou* mirado... segundo estes exemplos é o *universal* já determinado teoricamente no capítulo 9. Aquele constituído por eventos que respondem ao critério da sucessão causal segundo probabilidade ou necessidade. [...] Eventos que se distinguem, assim, daqueles episódicos, que, por sua vez, como se lê, ainda no capítulo 9, ‘vêm um depois do outro sem probabilidade nem necessidade’. [...] Também os episódios têm uma função essencial na construção daquele *ólon*, daquele inteiro, constituído pela obra poética como imitação de uma ação una e inteira. E deverão, assim, ser, como diz nesse contexto, οἰκεία, ‘apropriados’, seja com relação às personagens (aos ‘nomes’, como diz aqui), que tomam parte na obra [...], seja entre eles e relativamente aos eventos do *mythos* [...]. ‘Apropriados’, mas não *concatenados* do mesmo modo em que o são aqueles que Aristóteles indica como eventos universais do *mythos*.”

(D. GUASTINI (intr., tr., com.). *Aristotele. Poetica*. Roma: Carocci, 2010, p.291.)

Π.1.1-7

μῆνιν ἄειδε θεὰ Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος
οὐλομένην, ἣ μυρὶ Ἄχαιοῖς ἄλγε' ἔθηκε,
πολλὰς δ' ἰφθίμους ψυχὰς Ἄϊδι προΐαψεν
ἡρώων, αὐτοὺς δὲ ἐλώρια τεῦχε κύνεσσιν
5 οἰωνοῖσι τε πᾶσι, Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή,
ἔξ οὔ δὴ τὰ πρῶτα διαστήτην ἐρίσαντε
Ἄτρεΐδης τε ἄναξ ἀνδρῶν καὶ δῖος Ἀχιλλεύς.

Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, o Pelida
(mortífera!, que tantas dores trouxe aos Aqueus
e tantas almas valentes de heróis lançou no Hades,
ficando seus corpos como presa para cães e aves
de rapina, enquanto se cumpria a vontade de Zeus),
desde o momento em que primeiro se desentenderam
o Atrida, soberano dos homens, e o divino Aquiles.

O argumento da *Iliada* (segundo o modelo aristotélico de 1455b2-12), ou sua fórmula estrutural

“A seguinte fórmula estrutural pode ser extraída da narrativa da *Iliada*, com base em um método heurísticamente frutífero de análise empregado por Aristóteles:

“ ‘A’, líder do mais importante contingente de uma força militar que está sitiando a cidade ‘T’, é ferido tão profundamente em sua honra pelo comandante da aliança militar, ‘Z’, que ele se retira com seu contingente da aliança e promete apenas retornar quando o comandante, devido a uma ameaça existencial, reconhecer seu erro ao restante da aliança e quando ele apresentar suas desculpas a ‘A’. Quando a ameaça à aliança alcança um ponto extremo, ‘A’ cede, sob pressão de seu melhor amigo, ‘P’, e manda ‘P’ à batalha em seu lugar. Depois de ‘P’ ser morto por ‘H’, o líder da força sitiada (e depois das desculpas de ‘Z’), ‘A’ retorna à batalha e se vinga da morte de ‘P’ ao matar ‘H’. ‘P’ e ‘H’ são enterrados; a batalha continua.”

(J. LATACZ. The structure of the *Iliad*. In: A. Bierl; J. Latacz (ed.). *Homer's Iliad. The Basel Commentary: Prolegomena* (ed. S. Douglas Olson). Trad. Benjamin W. Millis; Sara Strack. Boston/Berlin: De Gruyter, 2015, p. 151-163, aqui p. 157.)

Desenvolvimento do argumento em dois planos

“A história propriamente dita surge com base nessa fórmula mediante (1) a nomeação dos principais atores no interior da estrutura (A→Aquiles; T→Troia, etc.) e (2) a elaboração da fórmula estrutural em cenas (*epeisodia*). A fórmula estrutural é assim *posta em cena*.

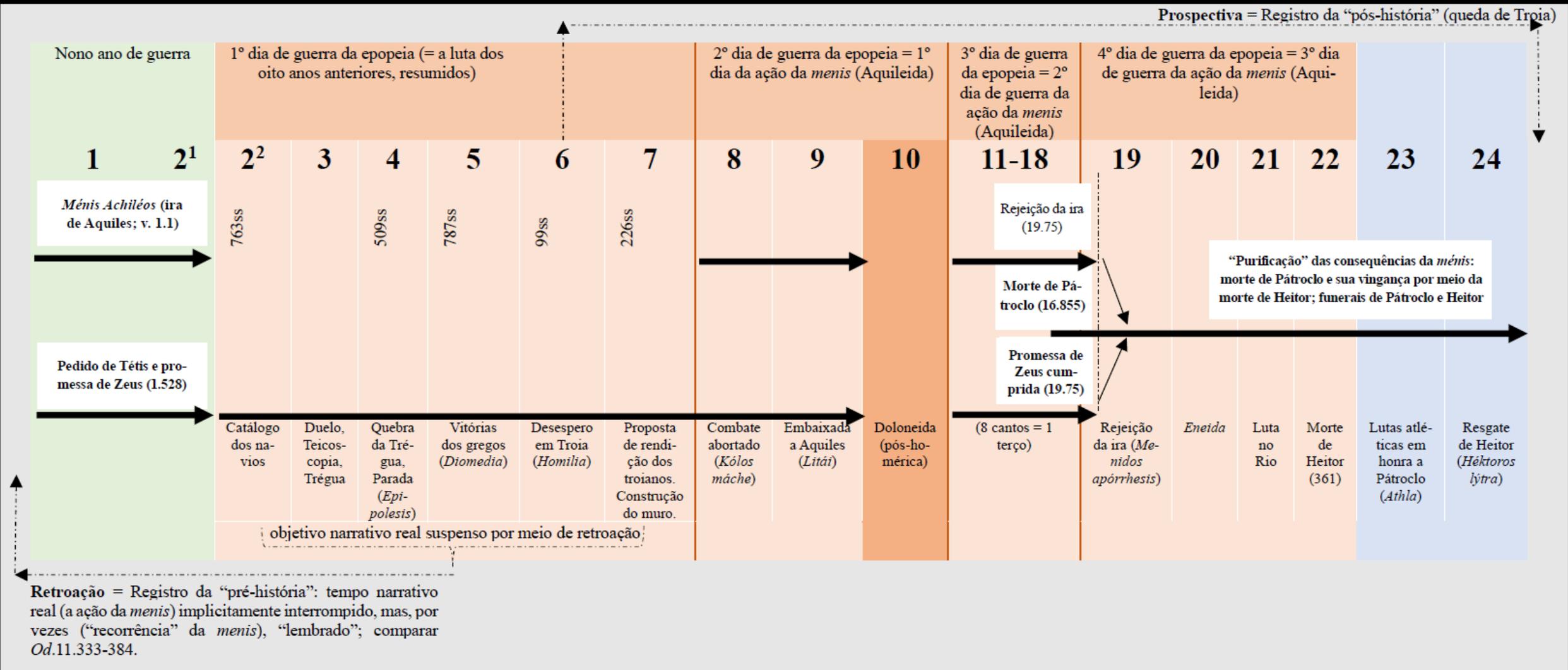
“A encenação da fórmula estrutural ocorre na interação entre a projeção de uma narrativa estática no pano-de-fundo, a história de Troia – que se assume já conhecida e amplamente estendida no tempo – e o desenvolvimento de uma narrativa dinâmica no primeiro plano, a história de Aquiles – provavelmente desconhecida em sua perspectiva e detalhe e estritamente limitada no tempo. O pano-de-fundo narrativo e a história no primeiro plano são entrecidos por meio de (1) um plano abrangente de atemporalidade, representado pela presença dos deuses ‘eternos/imortais’, que compartilham um interesse nos acontecimentos, (2) *flashbacks* e prenúncios (analepses e prolepses externas) que permeiam toda a narrativa, oferecidos tanto pelo narrador como pelas personagens no interior da narrativa.”

(J. LATACZ. The structure of the *Iliad*. In: A. Bierl; J. Latacz (ed.). *Homer's Iliad. The Basel Commentary: Prolegomena* (ed. S. Douglas Olson). Trad. Benjamin W. Millis; Sara Strack. Boston/Berlin: De Gruyter, 2015, p. 151-163, aqui p. 157.)

Os dois arcos estruturais na história de primeiro plano

“A estrutura da narrativa de primeiro plano está determinada por dois arcos de suspense: (1) um arco (mais extenso) que se estende do ponto estrutural ‘(preparação para e) início da ira’ no livro 1 (1.247) ao ponto estrutural ‘rejeição da ira’ no livro 19 (19.75) e que amarra os principais elementos da narrativa entre esses pontos; (2) um arco (menos extenso) que começa com o ponto estrutural ‘morte de Pátroclo’ (16.855), incorporando o ponto estrutural ‘rejeição da ira’ que marca o ponto final do primeiro arco, e terminando apenas com o ponto estrutural ‘término do funeral de Heitor’ (24.804 = fim do texto). Juntos, esses dois arcos que se cruzam criam a unidade do texto como um todo.”

(J. LATACZ. The structure of the *Iliad*. In: A. Bierl; J. Latacz (ed.). *Homer's Iliad. The Basel Commentary: Prolegomena* (ed. S. Douglas Olson). Trad. Benjamin W. Millis; Sara Strack. Boston/Berlin: De Gruyter, 2015, p. 151-163, aqui p. 158.)



(J. LATACZ. Die Ilias: Inhalt und Aufbau. In: J. Latacz et alii (ed.). *Homer: der Mythos von Troia in Dichtung und Kunst*. München: Hirmer, 2008, p. 114-138, aqui p. 119.)

Parte estrutural	Dias	Noites	Versos	Partição	Conteúdo	
Exposição (21 dias) 647 versos	1º dia	-	41	1.12b-52	Crises – prelúdio	
	2º-9º dia	7 noites	1	1.53	Peste no acampamento dos aqueus	
	10º dia	-	423	1.54-476	Briga entre Aquiles e Agamêmnon Embaixada a Crises	
	11º dia	-	16	1.477-492	Retomo da embaixada Ira de Aquiles (<i>Menis</i>)	
	12º-20º dia	8 noites	(1)	(1.493)	Deuses junto aos etíopes	
	21º dia	mais noite para o 22º	166	1.493-2.47	Pedido de Tétis Sonho de Agamêmnon	
Cerne da ação (6 dias) 13.444 versos	Primeiro dia de guerra (inserção)	22º dia	-	3.653	2.48-7.380 (quase seis cantos)	Tentação do exército por meio de Agamêmnon (<i>diapaira</i>) Catálogo (visão das tropas) Trégua; Decisão da guerra pelo duelo entre Páris e Menelau Visão a partir das muralhas (<i>teichoskopia</i>) Duelo entre Páris e Menelau Quebra da trégua por meio do troiano Pândaro Aristia (grandes feitos) de Diomedes Heitor em Troia (<i>homilia</i>) Duelo entre Heitor e Ajax
		23º dia	-	52	7.381-432	Armistício Funerais
		24º dia	-	50	7.433-482	Construção dos muros pelos aqueus
	Segundo dia de guerra	25º dia	mais noite para o 26º	1.857	8.1-10.579 (três cantos)	Retirada dos aqueus Os troianos acampam na planície Embaixada junto a Aquiles (<i>litai</i>) [Doloneia]
	Terceiro dia de guerra	26º dia	mais noite para o 27º	5.669	11.1-18.617 (oito cantos)	Aristia de Agamêmnon Aristia de Heitor Ferimento do comandante dos aqueus Aquiles envia Pátroclo a Nestor Batalha junto aos muros (<i>teichomachia</i>) Troianos irrompem no acampamento aqueu Batalha diante dos navios Engano de Zeus por Hera (<i>Diós apáte</i>) Patrocleida Descrição do escudo
	Quarto dia de guerra	26º dia	mais noite para o 28º	2.163	19.10-23.110a (quase cinco cantos)	Resolução do conflito (<i>Menidos apórrhesis</i>) Nova batalha Morte de Heitor
Fim (24 dias) 1.591 versos	28º dia	-	147	23.110b-257a	Funeral de Pátroclo	
	29º dia	mais noite para o 30º	661	23.257b-24.21	Disputas esportivas em honra a Pátroclo (<i>athla</i>)	
	30º-40º dia	10 noites	9	24.22-30	Maus tratos ao cadáver de Heitor	
	41º dia	mais noite para o 42º	664	24.31-694	Príamo no acampamento dos aqueus	
	42º dia	-	87	24.695-781	Heitor é levado para casa	
	43º-50º dia	7 noites	3	24.782-784	Armistício; coleta de madeira	
	51º dia	-	20	24.785-804	Funeral de Heitor	

(J. LATACZ. Die Ilias: Inhalt und Aufbau. In: J. Latacz et alii (ed.). *Homer: der Mythos von Troia in Dichtung und Kunst*. München: Hirmer, 2008, p. 114-138, aqui p. 121.)

Preâmbulo no Olimpo	Vinte anos de pré-história da guerra					Dez anos de guerra diante de Troia			Dez anos de retornos		
						9 anos	9º/10º ano			10º ano	
Tomada de conselho entre Zeus e Têmis sobre a Guerra de Troia.	Zeus concebe Helena (com Nêmesis/Leda).	Casamento do neto de Zeus (Peleu) com a filha de Nereu (Têtis) no monte Pêlion (Tessália); participação de todos os deuses; o casamento dará origem a Aquiles.	O julgamento de Páris: "Afrodite é a mais bela!" Páris receberá Helena como prêmio.	Páris viaja à Grécia e rapta Helena em Esparta.	Plano de retaliação dos aqueus.	Desembarque em Troia; Morte de Proteusilaus.	51 dias = nossa "Ilíada": pequeno episódio: briga entre Agamêmnon e Aquiles e suas consequências, dentre as quais a morte de Heitor.	Últimos eventos: a amazona Pentésiléia entra na guerra e é morta por Aquiles. Tersites critica Aquiles e é morto por ele.	Retorno de todos os combatentes gregos que sobreviveram à Guerra de Troia.	40 dias = nossa "Odisséia": pequeno episódio do <i>nostos</i> de Odisseu e sua reunião com sua esposa Penélope e reasunção de seus domínios.	"Telegonia": o fim de Odisseu
Zeus e Hera forçam a deusa marítima Têtis a se casar com Peleu.		A deusa Êris causa cizânia entre as deusas Hera, Atenas e Afrodite: "qual é a mais bela?"			Primeira reunião dos navios em Aulide e primeira partida; desembarque enôneo na Mísia (Teutrânia/Vale de Cáico), muito ao sul.	Embaixada dos aqueus para Troia, conduzida por Odisseu e Menelau, sem sucesso.		O rei etíope Mêmnon vem do Egito e mata, entre outros, Antíloco, filho de Nestor. Aquiles mata Mêmnon.			
		As três deusas se apresentam ao belo Páris, filho de Príamo e Hécuba, no monte Ida, em Troia; Páris deve decidir.			História de Télefo: Aquiles fere Télefo, rei dos misios.	Aquiles mata Cicno.	Grandes feitos de Aquiles: ele devasta 23 cidades e ilhas no entorno de Troia (e.g., Linesso, Pédaso, Tebas), para isolar Troia; não butim se encontram Briseida e Criseida.	Morte de Aquiles por Páris e Apolo.			
					Partida da Teutrânia para Troia, mas tempestade e destruição da frota.		(Criseida é o ponto de ligação com a <i>Ilíada</i>)	Disputa pelas armas de Aquiles entre Ajax e Odisseu; o último vence.			
					Segunda reunião em Aulide. Indignação de Agamêmnon contra a gazela de Artemis leva à oferenda de Ifigênia, filha de Agamêmnon e Clitemnestra.			Loucura de Ajax.			
					Cura de Télefo.			Filoctetes e Neoptólemo, filho de Aquiles, são trazidos por Odisseu.			
					Oráculo dos pardais de Calcas.			O cavalo de madeira; tomada de Troia; "Iliou Persis"			
					Segunda partida de Aulide. Desembarque em Tênedo; Desembarque em Lemnos; abandono de Filoctetes.			Priamo é morto.			

(J. LATACZ. Die Ilias: Inhalt und Aufbau. In: J. Latacz et alii (ed.). *Homer: der Mythos von Troia in Dichtung und Kunst*. München: Hirmer, 2008, p. 114-138, aqui p. 123.)

O sentido dos cantos 2 a 7 (“simbolicamente, repetem toda a campanha”)¹

“Nesses livros [2 a 7] – começando com a data fornecida por Agamêmnon em seu discurso de verificação no livro 2 (2.134-138: ‘E agora nove anos do poderoso Zeus se passaram, e as pranchas de nossos navios apodreceram...’) –, a direção da narrativa muda essencialmente, e começa um mergulho ainda mais profundo no passado: a Áulide (2.203) e a abdução de Helena (2.356) aparecem brevemente; na sequência, a reunião da frota para a retaliação na Áulide, nove anos no passado é descrita em detalhes (o catálogo das naus), seguida pelo duelo entre Menelau e Páris (um evento que pertence ao começo da guerra de acordo com a lógica narrativa) – a parte cuja honra foi violada em oposição à parte que perpetrou a violência – e a apresentação dos heróis aqueus por Helena, em proveito de Príamo, quando ambos estão olhando a partir da muralha da cidade (‘teichoscopia’; isso não pode, claro, ter acontecido no nono ou décimo ano da guerra), etc. Essa reversão, um tipo de analepse latente, não se conclui até o livro 8, quando Zeus reúne a assembleia dos deuses, que proíbe sua participação na batalha, só então tentando cumprir a promessa feita a Tétis. No meio tempo, uma ampla parte do pano-de-fundo narrativo, isto é, da história de Troia, foi introduzido na forma de um retorno gradual ao início do mais amplo contexto dos acontecimentos, em que a própria narrativa de primeiro plano forma um *epeisodion* (substancial) – a história de Aquiles começou a se distinguir de seu pano de fundo e a se aproximar de sua história anterior.”

(LATACZ, *The structure of the Iliad*, *op. cit.*, p. 161-162.)

¹ W. KULLMANN. *Die Quellen der Ilias: Troischer Sagenkreis*. Wiesbaden: F. Steiner, 1960, p. 366.

Od.1.1-10

ἄνδρα μοι ἔννεπε, μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλὰ
πλάγχθη, ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον ἔπερσεν:
πολλῶν δ' ἀνθρώπων ἴδεν ἄστεα καὶ νόον ἔγνω,
πολλὰ δ' ὃ γ' ἐν πόντῳ πάθεν ἄλγεα ὃν κατὰ θυμόν,
5 ἀρνύμενος ἥν τε ψυχὴν καὶ νόστον ἐταίρων.
ἄλλ' οὐδ' ὣς ἐτάρους ἐρρύσατο, ἰέμενός περ:
αὐτῶν γὰρ σφετέρησιν ἀπασθαλίησιν ὄλοντο,
νήπιοι, οἳ κατὰ βοῦς Ἵπερίονος Ἥελίοιο
ἦσθιον: αὐτὰρ ὁ τοῖσιν ἀφείλετο νόστιμον ἦμαρ.
10 τῶν ἀμόθεν γε, θεά, θύγατερ Διός, εἰπὲ καὶ ἡμῖν.

Fala-me, Musa, do homem versátil que tanto vagueou,
depois que de Troia destruiu a cidadela sagrada.
De muitos homens viu as cidades e a mente conheceu;
e foram muitas no mar as dores que sofreu em seu coração
para salvar a vida e o regresso dos companheiros.
Mas nem os companheiros salvou, embora o quisesse.
Pereceram devido às suas próprias loucuras,
tolos, que o gado de Hiperión, o Sol,
comeram; e este lhes negou o dia do regresso.
Destas coisas, a partir de um ponto qualquer,
(10b) ó deusa, filha de Zeus, fala-nos também a nós.

O argumento da *Odisseia* (segundo o próprio Aristóteles), ou sua fórmula estrutural

ἐν μὲν οὖν τοῖς δράμασιν τὰ ἐπεισόδια σύντομα, ἢ δ' ἐποποιία τούτοις μηκύνεται. τῆς γὰρ Ὀδυσσεΐας <οὐ> μακρὸς ὁ λόγος ἐστίν. ἀποδημοῦντός τινος ἔτη πολλὰ καὶ παραφυλαττομένου ὑπὸ τοῦ <θεοῦ> [Ποσειδῶνος] καὶ μόνου ὄντος, ἔτι δὲ τῶν οἴκοι οὕτως ἐχόντων ὥστε τὰ [20] χρήματα ὑπὸ μνηστήρων ἀναλίσκεσθαι καὶ τὸν υἱὸν ἐπιβουλεύεσθαι, αὐτὸς δὲ ἀφικνεῖται χειμασθεὶς, καὶ ἀναγνωρίσας τινὰς ἐπιθέμενος αὐτὸς μὲν ἐσώθη, τοὺς δ' ἐχθροὺς διέφθειρε. τὸ μὲν οὖν ἴδιον τοῦτο, τὰ δ' ἄλλα ἐπεισόδια.

(Ar.Poet.17.1455b, texto segundo Else)

Nos dramas, os ἐπεισόδια deve ser breves, enquanto a epepeia se estende por meio deles. Com efeito, o argumento da *Odisseia* <não> é longo: tendo estado longe de casa por muitos anos e tendo estado sob a mira <do deus> [Posídon] e tendo estado sozinho, e, além disso, as coisas em casa estando de tal modo que seus bens estão sendo dilapidados por pretendentes – e que seu filho [20] está sendo vítima de um complô, (nessas condições,) ele chega (de volta a sua casa), tendo sido maltratado por intempéries e, após reconhecer alguns (como amigos ou inimigos), passa ao ataque, salva-se a si mesmo e destrói os inimigos. Eis o que é próprio (ao argumento); tudo o mais são ἐπεισόδια.

(trad. Paulo Pinheiro, bastante modificada)

“Por que essa seleção de itens? Porque essas circunstâncias representam a premissa em que a ação está construída, o polo da ‘infelicidade’ de que a sorte de Odisseu vai mudar (inesperadamente para todos menos para ele) para o seu contrário: inimigos destruídos, casa, posses e famílias reavidos. O λόγος da *Odisseia*, despido de todos os episódios, é a definição dessa μεταβολή. Aqui quase todo o começo [é descartado como episódico], com exceção do livro 5 (que é, por assi dizer, o prólogo do drama) e de alguns detalhes dos livros 1 e 4, ou seja quase toda a primeira metade do poema. Para Aristóteles, a ação da *Odisseia* começa essencialmente com o livro 13. Ademais, o episódio mais evidente e mais extenso que é assim descartado, a saber o relato de Odisseu sobre suas errâncias, é (1) uma série de *aventuras pessoais*, especificamente associadas com Odisseu e com ninguém mais na tradição, e elas são (2) *reportadas* por uma personagem no poema, não pelo poeta. Se nós hoje tendemos a pensar nas Errâncias como uma parte integrante, central, da *Odisseia*, é porque não olhamos para o poema como Aristóteles. Nós pensamos nele como *a narrativa de uma parte da vida de Odisseu*, contando ‘tudo o que aconteceu com ele durante certo período de tempo’ (23.59a23). Porém, isso é exatamente o que Aristóteles insiste que uma epopeia não deve fazer e que Homero não faz. Ela não deve ser uma narrativa da vida de um homem, ou de parte dela, mas uma imitação de uma única *ação* que tem um começo, um meio e um fim; e foi precisamente por isso que Aristóteles elogiou Homero tão destacadamente no capítulo 8 (51a22-29). Nós tendemos a ler a *Odisseia* como uma crônica; Aristóteles a via como um drama com uma ampla adição de ‘episódios’.”

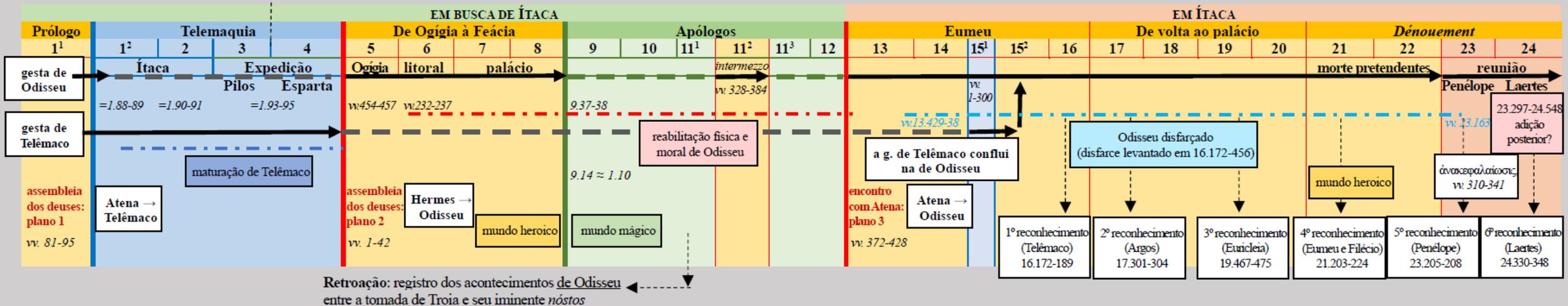
Será?!

(G. ELSE. *Aristotle's Poetics: the argument*. Cambridge, MA; Harvard University Press, 1957, p. 512-513.)

“Na *Odisseia*, é universal, já que *segundo a probabilidade ou a necessidade*, que um *basileus* como Odisseu, tendo conseguido voltar para casa (e aqui, coisa notável que perturba um pouco a tese de um Aristóteles levado expelir do *mythos* os fatos prodigiosos, vem inserido entre os eventos universais também o obstáculo a seu retorno representado por Posêidon), abata pretendentes dissipadores de seus bens; é, porém, episódica – ainda se, graças à capacidade de Homero, todos sejam mais ou menos ‘apropriados’ – a maior parte dos eventos que o atingem durante a viagem de retorno.”

(D. GUASTINI (intr., tr., com.). *Aristotele. Poetica*. Roma: Carocci, 2010, p. 293.)

Retroação: registro de acontecimentos entre a tomada de Troia e os *nóstoi*



“A *Odisseia* não foi nenhuma criação *experimental*; sua estrutura é substancialmente mais refinada que a da *Ilíada*.”

(S. WEST. *Die Odyssee: Inhalt und Aufbau*. In: J. Latacz et alii (ed.). *Homer: der Mythos von Troia in Dichtung und Kunst*. München: Hirmer, 2008, p. 139-150, aqui p. 139.)

A concatenação da gesta de Telêmaco no esquema narrativo da *Odisseia*

“Telêmaco não sabe o que deve fazer [em Od.1.215-220] porque ele não sabe quem é. Ele precisa, primeiramente, contrair sua identidade. Apenas então ele poderá agir com força e convicção. E apenas então ele poderá encontrar seu pai, pois, para reconhecer seu pai como efetivamente seu pai, ele primeiro precisa se reconhecer como seu filho. O poeta da *Odisseia* sabe disso. Por essa razão, ele faz Atena enviar o jovem a terras estrangeiras, depois de sua tentativa infrutífera de resolver a situação em uma assembleia em Ítaca. Embora os chefes das casas aristocráticas que haviam privado anteriormente da amizade de Odisseu em Pilos (Nestor) e em Esparta (Menelau e Helena) não possam dizer se Odisseu está vivo ou não, eles podem dizer ao homem o que é mais importante para ele neste ponto: que ele é o filho de Odisseu. Eles conhecem Odisseu. Eles conseguem, assim, discernir Odisseu seja na aparência física, seja na natureza de Telêmaco. Isso é irresistível. Quando Telêmaco volta, ele encontrou a si mesmo. Ele amadureceu e adquiriu autoconsciência. Agora ele está pronto para ser o parceiro de seu pai quando ele voltar, algo que ele não poderia ter feito antes.”

(J. LATACZ. *Homer: his art and his world*. Trad. James P. Holoka. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1996, p. 144-145.)

A concatenação da estadia de Odisseu na Feácia no esquema narrativo da *Odisseia*

“Odisseu não apenas esteve longe de casa por anos; ele também acabou por estar completamente isolado. Na ilha de Calipso, ‘onde está o umbigo do mar’ (Od.1.50), ele viveu uma vida ociosa, uma vida de entrega ao amor e aos cuidados de uma deusa carinhosa, uma vida, no entanto, de vontade e de saudade. Em ampla medida, ele perdeu sua vitalidade e sua autonomia juntamente com sua imagem de si mesmo. Ele esqueceu quase por completo que ele é um herói da Guerra de Troia, que triunfantemente realizou tantos feitos muito afamados. Ele precisa ‘reaprender’ tudo isso. Antes que ele encare seu último grande desafio, ele precisa primeiro ‘crescer para dentro de si mesmo’ novamente. Para alcançar esse fim, o poeta não permite que ele regresse diretamente de Calipso a Ítaca. Antes, ele o desvia para uma estação intermediária – a terra dos feácios. [...]



“Tendo sido obrigado a se despir de suas roupas, Odisseu chega aos feácios nu, debilitado e em mau aspecto – um homem no limite de suas forças físicas e psicológicas; ele partirá três dias depois, perfeitamente recuperado, bem arrumado, bem vestido e – mais importante que tudo – armado com uma nova consciência de si mesmo. Tudo isso é resultado da amizade, da admiração e do amor que os feácios têm pelo herói, e pelo homem, Odisseu. [...] Da maior importância nesse processo de recuperação é a autovalidação bem sucedida de Odisseu, primeiro em sua busca por aprovação social, em uma disputa com Laodamante, o filho do rei, e na subsequente disputa atlética (8.143-255), e então – climaticamente – na restauração de sua honra como um herói por meio do relato de seus feitos e tribulações entre a queda de Troia e sua chegada em Ogígia, nos assim chamados apólogos (contos) dos livros 9 a 12. As aventuras de Odisseu, contadas na primeira pessoa no espaço de quatro livros, não são apenas tópicos que o poeta da *Odisseia* não podia descurar porque a tradição e seu público demandavam sua inclusão. Na *sua* versão da história, elas tinham uma tarefa essencial a desempenhar: Odisseu precisava reconstruir nelas seu próprios feitos heroicos e suas tribulações. A função dos contos de aventura dentro da *Odisseia* do poeta da *Odisseia* coincidia perfeitamente com sua função dentro da *saga*: ao demonstrar o triunfo do espírito humano, eles fortaleciam a crença dos ouvintes em si mesmos.”

(J. LATACZ. *Homer: his art and his world*. Trad. James P. Holoka. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1996, p. 145-147.)

AS AVENTURAS DE ODISSEU

TROIA (ponto de partida)

CÍCONES

Tempestade – *Passagem* do Cabo Maleia.

No mundo de conto de fadas da morte

Tentação Canibalismo

Proibição

Lotófagos (“comedores de lótus”)

Ciclopes (“gigantes de um só olho”)

Éolo

Lestrigões

Circe

Encontro com o mundo inferior (Nekyia) (11.51-627) Passado e Futuro

Circe

Sereias

Cila (“Cadela”) e *Caribde* (“redemoinho do mar”)

Hélio

Caribde (e *Cila*)

Calipso (“escondedora”)

Tempestade

Passagem 1

FEÁCIOS

Passagem 2: passagem do navio de volta ao mundo real

ÍTACA (objetivo)

DIA(S)	VERSOS	CONTEÚDO
1	(1.26-1.444)	assembleia dos deuses; Atena visita Telêmaco
2	(2.1-434)	assembleia em Ítaca
3	(3.1-403)	Telêmaco visita Nestor
4	(3.404-490)	Telêmaco viaja para Feras
5	(3.491-4.305)	Telêmaco em Esparta
6	(4.306-847)	Penélope e pretendentes descobrem partida de Telêmaco
7	(5.1-227)	Hermes visita Calipso
8-11	(5.228-262)	Odisseu constrói sua jangada
12-28	(5.263-278)	Odisseu veleja sem problemas
29-30	(5.279-389)	tempestade e naufrágio
31	(5.390-6.47)	Odisseu chega à Esquéria
32	(6.48-7.347)	Odisseu é recebido pela família real feácia
33	(8.1-13.17)	Odisseu é entretido e conta suas aventuras
34	(13.18-92)	Odisseu é transportado para Ítaca
35	(13.93-15.43)	Odisseu aporta em Ítaca e se encontra com Atena e Eumeu
36	(15.44-188)	Telêmaco viaja para Feras
37	(15.189-494)	Telêmaco veleja para Ítaca; Odisseu e Eumeu conversam
38	(15.495-16.481)	Odisseu e Telêmaco reunidos
39	(17.1-20.90)	Odisseu volta ao palácio e se encontra com Penélope e pretendentes
40	(20.91-23.346)	competição do arco, vingança e reunião com Penélope
41	(23.347-24.548)	reunião com Laertes e pacto com famílias dos pretendentes

Fonte: I. DE JONG. *A Narratological Commentary on the Odyssey*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 588.

4. *Synkrisis* poematum

“O poeta da *Odisseia* tinha uma relação muito especial com a *Iliada*, uma rivalidade consciente que gosto de chamar ‘imitação criativa’. Essa observação é fundamental porque abre uma compreensão da diferença, tanto no estilo intelectual como na realização artística, que existe entre o segundo grande poeta épico e a massa de poemas do ciclo troiano: o poeta da *Odisseia*, com uma forte vontade artística e uma capacidade de construção muito decisiva, não tentou uma pré-história ou uma continuação da *Iliada*, como fizeram os poetas parcialmente mais antigos da *Etiópida*, da *Iliou Persis*, etc.. Em vez disso, ele tentou criar um paralelo com a *Iliada* em sua escolha de matéria, em seu escopo e no princípio básico de sua estrutura.”

(F. JACOBY. Die geistige Physiognomie der Odyssee [1933]. In: IDEM. *Kleine philologische Schriften*, band I. Ed. H. J. Mette. Berlin: Akademie-Verlag, 1961, p. 107-138, aqui p. 109.)

“Esse é o novo ideal de ser humano cuja glória é cantada na *Odisseia*. A nobreza mudou sua visão de mundo. A força, a preparação militar, um senso de honra inflexível e uma obstinação excessiva agora contam muito menos. Agora, quem quer que seja engenhoso como Odisseu goza do favor dos deuses. Os deuses não mais amam o braço forte mais que a mente esperta.”

(J. LATACZ. *Homer. his art and his world*. Trad. James P. Holoka. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1996, p. 151.)

4.1. Um exemplo: a cena de oferenda
(*Il.*1.446-74; *Od.*3.404-476)

Π.1.446-474

ὥς εἰπὼν ἐν χερσὶ τίθει, ὃ δὲ δέξατο χαίρων
παῖδα φίλην: τοὶ δ' ὄνεια θεῶ ἱερὴν ἑκατόμβην
ἔξειης ἔστησαν ἐϋδμητον περὶ βωμόν,
χερνίψαντο δ' ἔπειτα καὶ οὐλοχύτας ἀνέλοντο.

450 τοῖσιν δὲ Χρύσης μεγάλ' εὖχετο χεῖρας ἀνασχών:

κλυθὶ μευ ἀργυρότοξ', ὅς Χρῦσῃν ἀμφιβέβηκας
Κίλλαν τε ζαθέην Τενέδοιό τε Ἴφι ἀνάσσεις:
ἦ μὲν δὴ ποτ' ἐμεῦ πάρος ἔκλυες εὐζαμένοιο,
τίμησας μὲν ἐμέ, μέγα δ' ἵψαο λαὸν Ἀχαιῶν:

455 ἦδ' ἔτι καὶ νῦν μοι τόδ' ἐπικρήνηνον ἐέλδωρ:

ἦδη νῦν Δαναοῖσιν ἀεικέα λοιγὸν ἄμυνον.
ὥς ἔφατ' εὐχόμενος, τοῦ δ' ἔκλυε Φοῖβος Ἀπόλλων.

Assim dizendo, entregou-a nos braços do pai, que recebeu com regozijo a filha amada. E logo aprontaram para o deus a sagrada hecatombe em torno do bem construído altar.

Lavaram as mãos e pegaram nos grãos de cevada.

Entre eles levantou Crises as mãos e rezou em voz alta:

«Ouve-me, senhor do arco de prata, deus tutelar de Crise e da sacratíssima Cila, que pela força reges Ténédo!

Tal como antes deste ouvidos à minha prece, e para me honrares fustigaste a hoste dos Aqueus, também agora faz que se cumpra isto que te peço: afasta dos Dânaos a pestilência repugnante.»

Assim disse, orando; e ouviu-o Febo Apolo.



αὐτὰρ ἐπεὶ ῥ' εὗξαντο καὶ οὐλοχύτας προβάλλοντο,
αὐέρουσαν μὲν πρῶτα καὶ ἔσφαζαν καὶ ἔδειραν,

460 μηρούς τ' ἐξέταμον κατὰ τε κνίση ἐνάλυψαν
δίπτυχα ποιήσαντες, ἐπ' αὐτῶν δ' ὠμοθέτησαν:
καῖε δ' ἐπὶ σχίζης ὁ γέρων, ἐπὶ δ' αἶθοπα οἶνον
λεῖβε: νέοι δὲ παρ' αὐτὸν ἔχον πεμπώβολα χερσίν.

αὐτὰρ ἐπεὶ κατὰ μῆρε κάη καὶ σπλάγχνα πάσαντο,
465 μίστυλλον τ' ἄρα τᾶλλα καὶ ἄμφ' ὀβελοῖσιν ἔπειραν,
ᾧπτησάν τε περιφραδέως, ἐρύσαντό τε πάντα.
αὐτὰρ ἐπεὶ παύσαντο πόνου τετύκοντό τε δαῖτα
δαίνυντ', οὐδέ τι θυμὸς ἐδεύετο δαιτὸς ἔϊσης.
αὐτὰρ ἐπεὶ πόσιος καὶ ἐδητύος ἐξ ἔρον ἔντο,
470 κοῦροι μὲν κρητῆρας ἐπεστέψαντο ποτοῖο,
νώμησαν δ' ἄρα πᾶσιν ἐπαρξάμενοι δεπάεσσιν:
οἱ δὲ πανημέριοι μολπῇ θεὸν ἰλάσκοντο
καλὸν ἀείδοντες παιήονα κοῦροι Ἀχαιῶν
μέλποντες ἐνάεργον: ὃ δὲ φρένα τέρπετ' ἀκούων.

Depois que rezaram e atiraram os grãos de cevada,
primeiro puxaram para trás as cabeças das vítimas
e depois as degolaram e esfolaram.

Cortaram as coxas e cobriram-nas com dupla camada
de gordura e sobre elas colocaram pedaços de carne crua.
O ancião queimou-as nas achas e por cima verteu vinho frisante.
Junto dele os jovens seguravam garfos de cinco dentes.
Queimadas as coxas, provaram as vísceras,
cortaram o resto da carne e puseram-na em espetos;
assaram-na com cuidado e dos espetos a tiraram.
Quando puseram termo ao esforço de preparar o jantar,
comeram e nada lhes faltou naquele festim compartilhado.
Mas quando afastaram o desejo de comida e bebida,
vieram mancebos encher até cima as taças de bebida;
vertidas as libações, serviram-nas a todos.
Durante todo o dia apaziguaram com cantos o deus,
entoando um belo péan, os mancebos dos Aqueus,
cantando em honra do deus que atua ao longe,
que no seu espírito se deleitou a ouvi-los.

(trad. Frederico Lourenço)

Od.3.404-476

ἦμος δ' ἠριγένεια φάνη ῥοδοδάκτυλος Ἥως,
405 ὄρνυτ' ἄρ' ἐξ εὐνήφι Γερήνιος ἱππότης Νέστωρ,
ἐκ δ' ἐλθὼν κατ' ἄρ' ἔζετ' ἐπὶ ξεστοῖσι λίθοισιν,
οἳ οἱ ἔσαν προπάροισθε θυράων ὑψηλάων,
λευκοί, ἀποστίλβοντες ἀλείφατος: οἷς ἔπι μὲν πρὶν
Νηλεὺς ἴζεσκεν, θεόφιν μῆστῳ ἀτάλαντος:
410 ἀλλ' ὁ μὲν ἤδη κηρὶ δαμειὶς Ἄϊδόσδε βεβήκει,
Νέστωρ αὖ τὸτ' ἐφῖζε Γερήνιος, οὗρος Ἀχαιῶν,
σιῆπτρον ἔχων. περὶ δ' υἷες ἀολλέες ἠγερέθοντο
ἐκ θαλάμων ἐλθόντες, Ἐχέφρων τε Στρατίος τε
Περσεὺς τ' Ἄρητος τε καὶ ἀντίθεος Θρασυμήδης.
415 τοῖσι δ' ἔπειθ' ἔκτος Πεισίστρατος ἦλυθεν ἦρως,
παρ δ' ἄρα Τηλέμαχον θεοεΐκελον εἶσαν ἄγοντες.
τοῖσι δὲ μύθων ἦρχε Γερήνιος ἱππότης Νέστωρ:

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
levantou-se da cama Nestor de Gerénia, o Cavaleiro,
e sentou-se nas lajes resplandecentes —
as que se encontravam às suas altas portas,
brancas, brilhantes de cera; fora aqui que se sentara
Neleu, igual dos deuses nos seus conselhos,
mas agora, dominado pelo destino, já partira para o Hades.
Aqui se sentou Nestor de Gerénia, Guardiã dos Aqueus,
de cetro na mão; em seu redor reuniam-se os filhos,
vindos de seus quartos: Equefronte, Estrácio,
Perseu e Areto, assim como o divino Trasimedes.
Em sexto lugar veio depois o herói Pisístrato,
junto ao qual sentaram o divino Telémaco.
Para eles começou a falar Nestor de Gerénia, o Cavaleiro:



‘καρπαλίμως μοι, τέκνα φίλα, κρηήνατ’ ἐέλδωρ,
ὄφρ’ ἦ τοι πρῶτιστα θεῶν ἰλάσσομ’ Ἀθήνην,
420 ἦ μοι ἐναργῆς ἦλθε θεοῦ ἐς δαῖτα θάλειαν.
ἀλλ’ ἄγ’ ὁ μὲν πεδίωνδ’ ἐπὶ βοῶν, ἴτω, ὄφρα τάχιστα
ἔλθησιν, ἐλάση δὲ βοῶν ἐπιβουκόλος ἀνήρ:
εἷς δ’ ἐπὶ Τηλεμάχου μεγαθύμου νῆα μέλαιναν
πάντας ἰὼν ἐτάρους ἀγέτω, λιπέτω δὲ δὺ’ οἴους:
425 εἷς δ’ αὖ χρυσοχόον Λαέρτεια δεῦρο κελέσθω
ἐλθεῖν, ὄφρα βοῶς χρυσὸν κέρασιν περιχεύῃ.
οἱ δ’ ἄλλοι μένετ’ αὐτοῦ ἀολλέες, εἶπατε δ’ εἴσω
δμοῦσιν κατὰ δώματ’ ἀγακλυτὰ δαῖτα πένεσθαι,
ἔδρας τε ζύλα τ’ ἀμφὶ καὶ ἀγλαὸν οἰσέμεν ὕδωρ.’

430 ὡς ἔφαθ’, οἱ δ’ ἄρα πάντες ἐποίπνυον. ἦλθε μὲν ἄρ βοῦς
ἐκ πεδίου, ἦλθον δὲ θοῆς παρὰ νηὸς εἰσης
Τηλεμάχου ἕταροι μεγαλήτορος, ἦλθε δὲ χαλκιεὺς
ὄπλ’ ἐν χερσὶν ἔχων χαλκήϊα, πείρατα τέχνης,
ἄκμονά τε σφῦραν τ’ ἐυποιήτόν τε πυράγρην,
435 οἷσιν τε χρυσὸν εἰργάζετο: ἦλθε δ’ Ἀθήνη
ἰρῶν ἀντιόωσα. γέρον δ’ ἰππηλάτα Νέστωρ
χρυσὸν ἔδωχ’: ὁ δ’ ἔπειτα βοῶς κέρασιν περιχευεν
ἀσκήσας, ἴν’ ἀγαλμα θεὰ κεχάροιτο ἰδοῦσα.
βοῦν δ’ ἀγέτην κερῶν Στρατιός καὶ δῖος Ἐχέφρων.

«Depressa, queridos filhos, satisfazei o meu desejo,
para que dos deuses propicie em primeiro lugar Atena,
que se me manifestou por ocasião do rico festim do deus.
Que alguém vá à planície buscar uma vitela, e que depressa
<o animal> até aqui venha, conduzida por um boieiro;
e que outro se dirija à escura nau do magnânimo Telémaco
e aqui conduza os seus companheiros, lá deixando somente dois.
E que outro ainda chame até aqui o ourives Laerces,
para dourar os chifres da vitela.
Vós outros permanecei aqui; ordenai às escravas lá dentro
que preparem um festim no glorioso palácio;
que tragam assentos, lenha para o altar e água límpida.»

Assim falou; e todos se lançaram à obra. Veio a vitela
da planície e da nau veloz e bem construída vieram
os companheiros do magnânimo Telémaco; veio o ourives
com os seus instrumentos de bronze, acabamentos da sua arte,
a bigorna, o martelo e a bem feita tenaz,
com que o ouro trabalhava. E veio também Atena, em demanda
do sacrifício. O ancião Nestor, Condutor de Cavalos,
ofereceu o ouro; e o ourives dourou com cuidado os chifres da
vitela, para que a deusa se regozijasse com a oferenda.
Estrácio e Equefronte conduziram pelos chifres a vitela



χέρνιβα δέ σφ' Ἄρητος ἐν ἀνθεμόδεντι λέβητι
ἤλυθεν ἐν θαλάμοιο φέρων, ἑτέρη δ' ἔχεν οὐλάς
ἐν κανέῳ πέλειον δὲ μενεπτόλεμος Θρασυμήδης
ὄξυν ἔχων ἐν χειρὶ παρίστατο βοῦν ἐπιόψων.

Περσεὺς δ' ἀμνίον εἶχε: γέρων δ' ἱππηλάτα Νέστωρ
445 χέρνιβά τ' οὐλοχύτας τε κατήρχετο, πολλὰ δ' Ἀθήνη
εὐχέτ' ἀπαρχόμενος, κεφαλῆς τρίχας ἐν πυρὶ βάλλων.

αὐτὰρ ἐπεὶ ῥ' εὔξαντο καὶ οὐλοχύτας προβάλοντο,
αὐτίκα Νέστορος υἱὸς ὑπέρθυμος Θρασυμήδης
ἤλασεν ἄγχι στάς: πέλειος δ' ἀπέκοψε τένοντας
450 ἀυχενίους, λῦσεν δὲ βοὸς μένος. αἶ δ' ὀλόλυξαν
θυγατέρες τε νυοὶ τε καὶ αἰδοίη παράκοιτις
Νέστορος, Εὐρυδίη, πρέσβα Κλυμένοιο θυγατρῶν.
οἱ μὲν ἔπειτ' ἀνελόντες ἀπὸ χθονὸς εὐρυοδείης
ἔσχον: ἀτὰρ σφάζεν Πεισίστρατος, ὄρχαμος ἀνδρῶν.
455 τῆς δ' ἐπεὶ ἐν μέλαν αἷμα ῥύη, λίπε δ' ὀστέα θυμὸς,
αἶψ' ἄρα μιν διέχευαν, ἄφαρ δ' ἐκ μηρία τάμνον
πάντα κατὰ μοῖραν, κατὰ τε κνίση ἐκάλυψαν
δίπτυχα ποιήσαντες, ἐπ' αὐτῶν δ' ὠμοθέτησαν.
καῖε δ' ἐπὶ σχίζης ὁ γέρων, ἐπὶ δ' αἶθοπα οἶνον
460 λεῖβε: νέοι δὲ παρ' αὐτὸν ἔχον πεμπώβολα χερσίν.
αὐτὰρ ἐπεὶ κατὰ μῆρ' ἐκάη καὶ σπλάγγνα πάσαντο,
μίστυλλον τ' ἄρα τᾶλλα καὶ ἀμφ' ὀβελοῖσιν ἔπειραν,
ὥπτων δ' ἀκροπόρους ὀβελοὺς ἐν χερσίν ἔχοντες.

e Areto veio do tálamo trazendo água lustral numa bacia
embutida com flores e, na outra mão, grãos de cevada num cesto;
e Trasimedes, Inflexível na Guerra, trouxe um machado afiado,
pronto para desferir o golpe à vitela. Perseu segurou na bacia
para recolher o sangue. O ancião Nestor, Condutor de Cavalos,
deu início ao rito com a água lustral e os grãos de cevada
invocando Atena e atirando para o fogo pelos da cabeça do animal.

Depois de terem orado e espalhado os grãos de cevada,
logo se aproximou Trasimedes, o corajoso filho de Nestor,
e desferiu o golpe: o machado cortou os músculos do pescoço,
deslassando a força da vitela. Levantaram o grito
as filhas, as noras e a veneranda esposa
de Nestor, Eurídice, a mais velha das filhas de Clímeno.
Em seguida os homens levantaram do amplo chão a cabeça
da vitela e logo a degolou Pisístrato, Condutor de Homens.
Dela se derramou o negro sangue, dos ossos fugiu a vida.
Esquartejaram-na de imediato, cortando as coxas
segundo a ordem própria, cobrindo-as com gordura;
e por cima puseram pedaços de carne crua.
O ancião queimou-as nas achas e por cima verteu vinho frisante.
Junto dele os jovens seguravam garfos de cinco dentes.
Queimadas as coxas, provaram as vísceras
e cortaram o resto, fazendo espetadas com os pedaços;
assaram-nas segurando os espetos nas mãos.

τόφρα δὲ Τηλέμαχον λοῦσεν καλὴ Πολυιάστη,
465 Νέστορος ὀπλοτάτη θυγάτηρ Νηληϊάδαο.
αὐτὰρ ἐπεὶ λοῦσέν τε καὶ ἔχρισεν λίπ' ἐλαίῳ,
ἀμφὶ δέ μιν φᾶρος καλὸν βάλεν ἠδὲ χιτῶνα,
ἔκ ρ' ἀσαμίνθου βῆ δέμας ἀθανάτοισιν ὁμοῖος:
πὰρ δ' ὄ γε Νέστορ' ἰὼν κατ' ἄρ' ἔζετο, ποιμένα λαῶν.

470 οἱ δ' ἐπεὶ ὄπτησαν κρέ' ὑπέρτερα καὶ ἐρύσαντο,
δαίνυνθ' ἐζόμενοι: ἐπὶ δ' ἄνδρες ἐσθλοὶ ὄροντο
οἶνον οἰνοχοεῦντες ἐνὶ χρυσεῖς δεπάεσσιν.
αὐτὰρ ἐπεὶ πόσιος καὶ ἐδητύος ἐξ ἔρον ἔντο,
τοῖσι δὲ μύθων ἦρχε Γερήνιος ἱππότα Νέστωρ:

475 'παῖδες ἐμοί, ἄγε Τηλεμάχῳ καλλιτριχᾶς ἵππους
ζεύξαθ' ὑφ' ἄρματ' ἄγοντες, ἵνα πρήσσησιν ὁδοῖο.'

Entretanto a bela Policaste, filha mais nova de Nestor,
filho de Neleu, dava banho a Telémaco.

Depois que ela o banhou, esfregou com azeite
e vestiu com bela capa e túnica,
ele saiu da banheira igual aos imortais no seu corpo.
Foi sentar-se junto de Nestor, Pastor de Povos.

Assada a carne, tiraram-na dos espetos
e sentaram-se para comer. Serviram-nos homens excelentes,
que verteram vinho em taças douradas.
Mas depois de terem afastado o desejo de comida e de bebida,
entre eles falou primeiro Nestor de Gerénia, o Cavaleiro:

«Meus filhos, atrelai ao carro cavalos de belas crinas
para Telémaco, para que prossiga o seu caminho.»

(trad. Frederico Lourenço)

“A narração [da oferenda] (Od.3.404-476) usa a cena sacrificial de Il.1 em sua expressão, tem mais do que o dobro do tamanho e não tem nenhum significado para o enredo; afinal, deve ser expressamente enfatizado que o sacrifício não é feito pelo desfecho feliz da viagem, mas em gratidão pela visita de Atena à casa de Nestor e em cumprimento da promessa feita no dia anterior. A cena está lá por si só, [ela é] um quadro de gênero em repouso, em si mesmo. Não podemos nomeá-la diversamente [senão ‘um quadro de gênero’], porque sentimos em sua execução e em sua elaboração estilística que ela surge da pura alegria do poeta diante de uma cena da vida.”

(F. JACOBY. Die geistige Physiognomie der Odyssee [1933]. In: IDEM. *Kleine philologische Schriften*, band I. Ed. H. J. Mette. Berlin: Akademie-Verlag, 1961, p. 107-138, aqui p. 120.)